

IMPRESSOS QUE EDUCAM

Vol. 2

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Adolfo Ignacio Calderon – PUC/Campinas
Prof. Dr. Afranio Mendes Catani – USP
Prof. Dr. Altair Alberto Fávero – UPF/RS
Profa. Dra. Carina Maciel – UFMS/MS
Prof. Dr. Diego Bechi – UPF/RS
Profa. Dra. Edineide Jezine – UFPB
Profa. Dra. Egeslaine De Nez – UFRGS/RS
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp/SP
Prof. Dr. Elton Luis Nardi – Unoesc/SC
Prof. Dr. Gildenir Carolino Santos – Unicamp/SP
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar/SP
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp/SP
Prof. Dr. José Vieira de Sousa – UnB/DF
Profa. Dra. Lara Carlette Thiengo – UFVMG – MG
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC/PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC/SC
Profa. Dr. Ignacio Calderon – PUCC/SP
Profa. Dra. Maria Abadia da Silva – UnB/DF
Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – UFSM/Unicamp
Profa. Dra. Maria Tereza Ceron Trevisol – Unoesc/SC
Profa. Dra. Maria Vieira Silva – UFU/MG
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodrigues – UFMS/RS
Profa. Dra. Marilda Pasqual Scheneider – Unoesc/SC
Profa. Dra. Marília Morosini – PUCRS/RS
Prof. Dr. Paulo Almeida – UFPA/PA
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp/SP
Profa. Dra. Romilda Teodora Ens – PUCPR/PR
Profa. Dra. Rosane Sarturi – UFSM/RS
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA/PA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrián Ascolani – Universidad Nacional de Rosario/Conicet/Argentina
Prof. Dr. Adrian Cammarota – IDES/Argentina
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Universidad de Granada/Facultad de Ciencias de la Educación/Espanha
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro/Portugal
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/Portugal
Prof. Dr. Enrique Martinez Larrechea – Iusur/Uruguai
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho/Portugal
Prof. Dr. Geo Saura – Universidad de Granada – Espanha
Prof. Dr. Jaime Moreles Vazquez – Universidade de Colima/México
Profa. Dra. Maria Carmen Lopez Lopez – Universidade de Granada/Espanha
Profa. Dra. Maria Cristina Parra Sandoval – Universidad del Zulia/Venezuela
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján/Argentina
Profa. Dra. María Verónica Leiva Guerrero – Pontificia Universidad Católica de Valparaíso/Chile
Prof. Dr. Mariano Fernandez Enguita – Universidad de Madrid/ Espanha
Prof. Dr. Norberto Lamarra – Universidad Trés de Febrero – Argentina
Profa. Dra. Olga Cecília Diaz Flores – Universidad Nacional Pedagógica – Colômbia
Prof. Dr. Pablo Garcia – Universidad Trés de Febrero/Argentina
Profa. Dra. Patricia Viera Duarte – Universidad de la Republica/Uruguai

Kênia Hilda Moreira
Ana Maria de Oliveira Galvão
(organizadoras)

IMPRESSOS QUE EDUCAM

Vol. 2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Impressos que educam : volume 2 / organização Kênia Hilda Moreira, Ana Maria de Oliveira Galvão – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2024. (*Série Histórias de Leitura*)

ISBN 978-65-86089-53-0

1. Educação 2. Educação – História 3. Leitura I. Galvão, Ana Maria de Oliveira. II. Moreira, Kênia Hilda. Série Histórias de Leitura.

24-191813

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370

capa: Studio Rotta Design Gráfico

gerência editorial: Vanderlei Rotta

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão geral: Juliana Ferreira de Melo

revisão final dos autores

bibliotecária – Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefáx: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2024

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
<i>Eliane Peres</i>	
APRESENTAÇÃO	13
<i>Ana Maria de Oliveira Galvão, Kênia Hilda Moreira</i>	
1. OS LIVROS ESCOLARES PARA A EDUCAÇÃO DE CEGOS NOS ESTADOS UNIDOS (1834-1900)	23
<i>Tatiana de Andrade Fulas</i>	
2. OS PROCESSOS DE PRODUÇÃO E APROPRIAÇÃO DO LIVRO EM BRAILLE NA (DES)CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS ALUNOS DO IMPERIAL INSTITUTO DOS MENINOS CEGOS.	47
<i>Gabriel Bertozzi de Oliveira e Sousa Leão</i>	
3. O BOLETÍN DE LA ESCUELA MODERNA DE BARCELONA: RACIONALISMO, CIÊNCIA E ANTICLERICALISMO.	81
<i>Pedro Henrique Prado da Silva, Marcus Aurelio Taborda de Oliveira</i>	
4. IMPRESSOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: OS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA POR CORRESPONDÊNCIA	109
<i>Ana Paula Gontijo da Fonseca, Meily Assbú Linhales</i>	

5.	EDUCANDO A MOCIDADE NO JORNAL <i>VIDA ESCOLAR</i> : <i>ORGÃO DOS ESTUDANTES</i> DA CIDADE DE CAMPO GRANDE NA DÉCADA DE 1930'	133
	<i>Jaíne da Silva Massirer, Maurilane de Souza Biccas</i>	
6.	A REVISTA JORNAL DAS MOÇAS E SEU PROJETO EDUCATIVO	153
	<i>Dálete Cristiane Silva H. de Albuquerque, Elizabeth Figueiredo de Sá</i>	
7.	REGULAR-SE, EXERCITAR-SE E EMBELEZAR-SE: A REVISTA <i>ALTEROSA</i> E A EDUCAÇÃO DO CORPO FEMININO	181
	<i>Cristiane Oliveira Pisani Martini, Andrea Moreno</i>	
8.	ATIVIDADES CORPORAIS FEMININAS NA REVISTA <i>FOLHA DA SERRA</i> E SUAS DIMENSÕES EDUCATIVAS: A DÉCADA DE 1930 ENTRE TEXTOS E IMAGENS.	205
	<i>Eglem de Oliveira Passone, Kênia Hilda Moreira</i>	
9.	EVANGELICALISMO E CULTURAS DO ESCRITO: O PAPEL DOS FANZINES NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CONTRACULTURAL CRISTÃ EM BELO HORIZONTE NOS ANOS 1990.	229
	<i>Jaime Magalhães Sepulcro Júnior, Ana Maria de Oliveira Galvão</i>	
10.	<i>AMAR</i> , VERBO INTRANSITIVO COMO ROMANCE DE FORMAÇÃO? CONTRIBUIÇÕES PARA A LEITURA DA OBRA DE MÁRIO DE ANDRADE PELOS HISTORIADORES DA EDUCAÇÃO	257
	<i>Marco Antonio de Santana, Raquel Discini de Campos</i>	
11.	O PAPEL EDUCATIVO DOS JORNAIS DE MINAS GERAIS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX	279
	<i>Priscilla Verona, Mônica Yumi Jinzenji</i>	
	SOBRE OS AUTORES	305

PREFÁCIO

Impressos que educam, volume 2, é, acima de tudo, um livro com o qual se aprende muito. Pode-se dizer que a leitura de cada capítulo é uma “aula” de história e historiografia, de pesquisa, de metodologia, de trabalho empírico, de narrativa histórica. Aprende-se sobre todos esses aspectos, mas, sobretudo, aprende-se um novo modo de fazer pesquisa sobre/com impressos, sejam aqueles de caráter geral – a imprensa periódica – ou especificamente os de cunho educacional.¹

Parte de um largo programa de pesquisa, cujos envolvidos/as mais diretamente são os/as integrantes dos grupos de pesquisa *Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura Escrita*, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e *Núcleo de Estudos e Pesquisas em Cultura Escrita*, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), e inseridas no campo mais amplo de investigação das “culturas do escrito” – entendida como o lugar simbólico e material que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade (Galvão 2010, p. 218) – as pesquisas que resultaram nos textos aqui apresentados foram conduzidas com maestria, competência, inventividade e sensibilidade de quem conhece as práticas da “operação historiográfica” (Certeau 2017, p. 45) e tem pleno domínio da temática da imprensa e dos impressos.

1. Sobre as discussões das denominações e categorizações da imprensa periódica educacional, ver a Apresentação do volume 1 de *Impressos que Educam*, de Ana Maria de Oliveira Galvão e Kênia Hilda Moreira (2021).

As pesquisas sobre imprensa e impressos estão em evidência nacional e internacionalmente desde, pelo menos, os anos 1990. Entretanto, neste livro a temática é revisitada, recriada, reinventada. Cientes de que os impressos educam – desde o Volume 1, de 2021 –, as autoras e autores dos capítulos trazem à cena novos sujeitos (cegos, mulheres, esportistas, elites, estudantes, intelectuais) e novas abordagens. Assim, reconhecem e evidenciam que os impressos não apenas informam ou formam opiniões, mas difundem ideias e ideologias, orientam, prescrevem, inscrevem, classificam sujeitos e práticas, contribuem na construção de subjetividades e identidades sociais, culturais, profissionais, de gênero, geração e étnico-raciais. E revelam isso analisando amplamente cada impresso fonte/objeto de estudos em seus dispositivos textuais e imagéticos, estratégias editoriais, contextos socioculturais e materialidades, abrangendo, no conjunto da obra, aspectos da produção, edição, circulação, difusão, usos dos impressos, leitoras e leitores visados, cobrindo efetivamente o “circuito das comunicações” (Darton 1990, p. 113), atualizado e problematizado para cada realidade estudada.

As autoras e autores, então, atualizam perguntas, sugerem e exercitam novas abordagens, recolocam problemas, inserem novos sujeitos. Nos dois primeiros textos, os sujeitos e os temas são, ainda, negligenciados pela história e são aqui tratados na sua amplitude e complexidade: os cegos e a produção de impressos para esse e desse grupo. Primeiramente, o foco são livros escolares para educação dos cegos nos Estados Unidos e, na sequência, a produção e a apropriação do livro em Braille. Na continuação, os leitores e leitoras encontrarão estudos sobre o Boletim da Escola Moderna de Barcelona (vinculado à escola fundada por Francisco Ferrer y Guardia), impressos de formação de professores de Educação Física por correspondência (elaborados pela Divisão de Educação Física – DEF, do Ministério de Educação e Saúde), jornal de estudantes (*Vida escolar*, um órgão dos estudantes da cidade de Campo Grande), jornal e revistas de/para moças ou que visavam, em algumas seções e matérias, ao público feminino (*Jornal das Moças*, *Revista Alterosa*, *Revista Folha da Serra*), estudos de fanzines no universo da contracultura cristã, de romances de formação (obra de Mario de Andrade), da imprensa geral mineira (principais periódicos liberais da província do início do século XIX), todos profunda e qualificadamente tratados em suas múltiplas relações. Não há, nos estudos

apresentados, simplificações, associações direitas ou anacronismos – especialmente na relação entre leitores visados e impressos, conforme já chamavam atenção Galvão e Melo, em 2019, sobre os cuidados necessários em pesquisas dessa natureza.

Sendo assim, na leitura de cada texto, a curiosidade é aguçada, o interesse despertado e as expectativas superadas. Todos os capítulos contribuem sobremaneira para pensar o papel dos impressos na sua historicidade, em diferentes sociedades ou comunidades, instituições e grupos sociais e para diferentes públicos visados. Ademais, são inspiradores para pensar sobre possíveis novas pesquisas com/sobre impressos e sobre a possibilidade de lançar diferentes perguntas e pontos de vista para esses artefatos culturais e pedagógicos em diferentes lugares e períodos históricos.

Como se pode perceber, há, no conjunto da obra, uma ampliação dos sujeitos produtores, editores, divulgadores, destinatários e leitores desses impressos, em estudos que tomam livros, boletins, jornais, revistas, imprensa periódica, impressos educacionais e fanzines como fontes e objetos de análise. Associado a isso, os autores e autoras ampliam a noção de fontes e subsidiam suas pesquisas consultando, problematizando e usando catálogos, relatórios, correspondências, ofícios, cartas etc., na configuração de seus objetos/problemas de investigação. Em alguns dos textos, o uso da história oral é mobilizado na produção e análise dos dados de pesquisa. É, pois, muito rico, inovador e inspirador o trabalho historiográfico empreendido pelos investigadores e investigadoras que permitem pensar os impressos na sua dimensão educativa, “em relação a determinados valores, comportamentos, práticas, modos de ser e de estar no mundo” (Galvão e Moreira 2021, p. 21).

Ainda do conjunto dos capítulos, é preciso destacar as relações que são estabelecidas e possíveis de apreender e de aprender: os impressos estão associados as suas relações com a religião, a política, o Estado, diferentes instituições ou grupos sociais, revelando, pois, as intencionalidades pedagógicas, educativas, formativas – explícitas ou implícitas – de cada impresso estudado.

Vale, ainda, reforçar a importância que as autoras e os autores dão à relação texto-suporte-leitores. As características materiais são tomadas

nas suas relações com os conteúdos dos impressos e com os supostos leitores e leitoras, na esteira da perspectiva que subsidia muitos dos capítulos, quais sejam o da História Cultural e da bibliografia analítica.

Sobre a relação entre conteúdo e materialidade, Tania Regina de Luca, no Volume 1 de *Impressos que Educam*, de 2021, alertava que: “se o conteúdo é, sem dúvida, fundamental, as características materiais [...] não são destituídas de interesse”, pelo contrário, diz ela, “reverberam naquilo que se lê/vê e remetem às possibilidades técnicas e sociais de produção e consumo disponíveis num dado contexto histórico” (Luca 2021, pp. 28-29). Na continuidade do projeto *Impressos que Educam*, neste volume 2, os pesquisadores e pesquisadoras levaram a termo essa lição, de que os mundos do texto, do suporte e do leitor precisam ser analisados conjuntamente para que se compreenda melhor como funcionam os impressos enquanto dispositivos pedagógicos e educacionais, que educavam (e educam) o corpo, a mente, os gestos, as sensibilidades, os comportamentos, as sociabilidades.

Os desafios e as exigências teórico-metodológicas da pesquisa com impressos, como mostra este livro, bem como o Volume 1, de 2021, estão pouco a pouco sendo superados, seja na sofisticação da análise material dos objetos, que precisam estar “organicamente vinculada ao problema de pesquisa” (Galvão e Moreira 2021, p. 21), e não ser apenas uma descrição do suporte, seja na análise mais apurada e cuidadosa dos possíveis destinatários, leitores e leitoras visados pelos impressos e as apropriações que deles são realizadas, seja na autoria no processo de produção e edição dos impressos (Galvão e Moreira 2021). Para além disso, quem se propõe a seguir os rumos dos estudos dos impressos precisa estar atento e vigilante e conhecer os desafios da localização, do acesso e do estado de sua conservação e a necessidade de problematização das condições de produção dessas fontes/objetos. Os capítulos da coletânea também abordam isso, evidenciando a importância dos acervos – físicos e virtuais – e da persistência e perspicácia necessárias aos historiadores e historiadoras.

Se, como disse o poeta Manoel de Barros (2013, p. 19), “inventar aumenta o mundo”, a inventividade científica das pesquisadoras e pesquisadores reunidos neste livro aumenta significativamente o “mundo” dos

estudos sobre impressos, tornando-se, então, leitura obrigatória para todas e todos interessados no campo da História da Educação, das culturas do escrito, da imprensa, dos impressos, da leitura.

Deixo agora aos leitores e leitoras o privilégio da leitura desta obra e meu desejo de que com ela possam aprender tanto quanto eu pude aprender.

Eliane Peres

Pelotas (RS), fevereiro de 2023.

Referências

BARROS, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. São Paulo: LeYa, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

DARTON, R. *O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. “História das Culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa”, in: MARINHO, Marildes e CARVALHO, Gilcenei. *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, pp. 65-95, 2010.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira e MELO, Juliana Ferreira de. “Análise de impressos e seus leitores: uma proposta teórica e metodológica para pesquisa em história da educação”, in: VEIGA, Cynthia Greive e TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. *Historiografia da Educação: abordagens teóricas e metodológicas*. Belo Horizonte: Fino Traço, pp. 223-260, 2019.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira e MOREIRA, Kênia Hilda. “Apresentação”, in: *Impressos que educam*. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, 2021. (Coleção Histórias de Leitura)

LUCA, Tana Regina de. “Produção, circulação e temporalidades nos impressos periódicos: algumas notas”, in: MOREIRA, Kênia Hilda e

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (orgs.) *Impressos que educam*. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 27-44, 2021. (Coleção Histórias de Leitura)

MOREIRA, Kênia Hilda e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (orgs.) *Impressos que educam*. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, 2021. (Coleção Histórias de Leitura)

APRESENTAÇÃO

Ana Maria de Oliveira Galvão

Kênia Hilda Moreira

O segundo volume de *Impressos que educam*, como o(a) leitor(a) pode antever, dá sequência à coletânea publicada em 2021, pela editora Mercado de Letras. Fruto da parceria entre o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Cultura Escrita,² da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura Escrita,³ da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apresenta, mais uma vez, um conjunto de estudos que, acreditamos, podem trazer contribuições para o campo de pesquisas sobre a história dos impressos, particularmente daqueles que, de algum modo, buscaram educar e formar diferentes públicos.

Além das regiões que abarcam as instituições onde estão vinculados os grupos de pesquisa que compõem essa parceria – os estados de Minas Gerais (UFMG) e Mato Grosso do Sul (UFGD) – as pesquisas expostas nesses dois volumes incluem investigações de outras regiões do país, trata de alguns impressos de circulação nacional e ultrapassa as fronteiras nacionais, evidenciando a amplitude dos diálogos interinstitucionais de pes-

2. Parte do grupo de pesquisa GEPHEMES (Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Memória e Sociedade). Ver: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3313>.

3. Ver: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/24760>.

quisa em história da educação que privilegiam os impressos como fonte e objeto de investigação.

Os capítulos que compõem o primeiro e o segundo volume de *Impressos que Educam* abarcam a delimitação temporal circunscrita entre os séculos XIX e XX. Mas, desde o século XVIII, com a filosofia das Luzes, valoriza-se a ideia de uma República das Letras, considerando, a partir de então, os benefícios econômicos e culturais da livre circulação de ideias e dos objetos impressos. Como expõem Roger Chartier, José Rodrigues e Justino Magalhães (2020, p.16-17), “desde os quinhentos que a escrita está presente como manuscrito e como impresso”. Segundo os autores, “A modernidade é impensável sem a cultura letrada das elites e sem a aplicação da escrita a novos domínios materiais, simbólicos, de governo e administração, socioculturais, como também sem a aculturação escrita de novos públicos” (Chartier, Rodrigues e Magalhães 2020, p. 17).

No primeiro volume de *Impressos que Educam*, trouxemos algumas reflexões, com base na bibliografia sobre o tema, mas também nos debates impulsionados pelos capítulos que compõem o livro, acerca das diferentes nomenclaturas que têm sido utilizadas para denominar a imprensa que tem, em sua concepção e elaboração, nos espaços em que circula(va) e/ou nos seus(suas) leitores(as) visados(as), intencionalidades pedagógicas, educativas, educacionais, formativas. Discutimos também a dificuldade de nomear aqueles impressos que, mesmo que não tenham o objetivo explícito de educar, contribuíram para a formação de gerações de indivíduos e de grupos específicos. Embora não sejam considerados propriamente pedagógicos, esses impressos, se analisados com perspicácia, podem ter seus propósitos formativos inquiridos e desvelados pelo olhar atento do(a) pesquisador(a) interessado(a) na história da educação (Galvão e Moreira 2021). Essa mesma ideia está presente neste segundo volume da coletânea.

Na primeira direção, ou seja, quando nos referimos a estudos que analisam impressos que têm uma finalidade pedagógica explícita, situam-se cinco capítulos aqui publicados. Dois deles se debruçam sobre livros elaborados para/por um público leitor ainda pouco pesquisado na história da educação produzida no Brasil: os cegos. Tatiana Fulas, em *Os livros escolares para a educação de cegos nos Estados Unidos (1834-1900)*, objetiva compreender a produção de livros para leitura tátil dos estudantes nas tipografias de duas instituições norte-americanas que tiveram papel

fundamental nesse processo, em um momento em que eram fundados diversos estabelecimentos voltados para a educação dos cegos em todo o mundo. A autora mostra, por meio da análise de catálogos, relatórios, correspondências e dos próprios livros, a forte presença de manuais de música, geografia, história e ciências naturais, gramáticas, obras literárias, línguas clássicas e livros de alfabetização - como era esperado em um contexto marcado pelo protestantismo. Muitos impressos analisados eram adaptações de obras que já circulavam em tinta; outros foram produzidos especificamente para os estudantes cegos. Focalizando o contexto brasileiro, Gabriel Leão, por sua vez, no capítulo *Os processos de produção e apropriação do livro em braille na (des)construção das identidades dos alunos do Imperial Instituto dos Meninos Cegos*, analisa as relações entre a participação dos estudantes cegos da referida instituição, localizada na então corte brasileira, na produção e nos usos dos livros em relevo e as suas identidades. O fato de serem sujeitos ativos nesses processos, principalmente por atuarem nas oficinas de tipografia e de encadernação do instituto e por realizarem cópias manuscritas dos livros, pode ter contribuído, na análise do autor, para que o estigma da incapacidade, que marcava essa população no período, fosse relativizado. Impressos relacionados à formação de pessoas com deficiência já tinham sido objeto de um capítulo publicado no primeiro volume de *Impressos que Educam: Impresso periódico Mensagem da APAE e/na história da educação de excepcionais: fotografias de 1964 a 1968 em(re)vista*, que analisa a revista da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais no período citado (Bezerra 2021).

O capítulo *O Boletín de la Escuela Moderna de Barcelona: racionalismo, ciência e anticlericalismo*, de autoria de Pedro Silva e Marcus Taborde de Oliveira também aborda um impresso explicitamente educativo, vinculado à escola fundada por Francisco Ferrer y Guardia. Como o próprio título indica, o texto analisa o boletim, considerado um órgão didático e informativo, da instituição catalã de orientação anarquista, no período em que circulou (1901 a 1909). Por meio da publicação de “artigos de opinião, traduções, trechos de obras dos variados campos científicos, propaganda científica”, os editores do *Boletín* buscavam disseminar, entre os seus leitores, ideias científicas e racionalistas, educando-os.

Em *Impressos na formação de professores: os cursos de educação física por correspondência*, Ana Paula Fonseca e Meily Linhales fazem uma análise do papel exercido por cursos de correspondência na formação de

professores, tanto do ponto de vista dos seus conteúdos quanto de sua materialidade, dando visibilidade a um fenômeno ainda pouco conhecido na história da educação brasileira. Os referidos livretos, elaborados pela Divisão de Educação Física (DEF), do Ministério de Educação e Saúde, circularam por várias regiões do Brasil entre os anos 1950 e 1960, e abordavam temas como esportes, métodos ginásticos, história, nutrição, psicologia. A elaboração desses impressos somente pode ser compreendida no contexto de discussão sobre a necessidade de formação daqueles que iriam atuar nas escolas brasileiras, a partir do final dos anos 1930, com a definição legal da obrigatoriedade das aulas de educação física em todo o território nacional. Poucos eram os profissionais que, nas décadas posteriores, tinham formação específica na área.

Nesse primeiro conjunto de capítulos, situa-se, por fim, o texto escrito por Jaine Massirer e Maurilane Biccas, denominado *Educando a mocidade no jornal Vida escolar: órgão dos estudantes da cidade de Campo Grande na década de 1930*. Nele, as autoras revisitam um tema que tem sido, crescentemente, explorado nas pesquisas em História da Educação: os impressos estudantis secundaristas. Tendo a moralidade como um dos seus principais eixos, o jornal, além de buscar formar os jovens, objetivava projetar a escola, que era privada, no cenário da cidade, principalmente entre as elites. Ao estudar um periódico publicado por uma instituição específica, ora tendo o seu diretor como editor, ora alguns de seus estudantes, o trabalho nos ajuda a problematizar questões como a autoria e o controle dos jovens nos processos de produção de impressos estudantis. No primeiro volume de *Impressos que Educam*, dois capítulos trazem reflexões que também nos ajudam a compreender impressos produzidos por crianças e jovens, dentro e fora do espaço escolar: *Imprensa e crianças no Alto Sertão da Bahia (Caetité, 1912-1914)*, (Carneiro 2021) e *Apropriações da pedagogia de Célestin Freinet na produção de jornais escolares (Itália, década de 1970)* (Jinzenji 2021).

Os outros seis capítulos do segundo volume abordam, por sua vez, impressos que, embora não sejam classificados como pertencentes à imprensa pedagógica ou educativa, tinham intencionalidades formativas, explícitas ou implícitas. Três capítulos desse conjunto se debruçam sobre um tema que, embora muito visitado na História da Educação, ainda continua atual e relevante: os impressos destinados às mulheres. Essa temática já havia sido objeto do capítulo *Uma revista de fotonovelas que*

educa(ria) seus leitores: Grande Hotel e suas “páginas femininas” (Minas Gerais, 1947-1961), (Melo e Galvão 2021), publicado no primeiro volume de *Impressos que Educam*. Esses tipos de impressos fazem parte, portanto, de uma imprensa especializada, dirigida a grupos específicos, considerados como passíveis de serem educados por meio desse tipo de artefato. Ao mesmo tempo em que expressam as supostas demandas desse público leitor, contribuem para instituí-lo, como nos ensina Umberto Eco (1979[1986]). Dálete Albuquerque e Elizabeth Figueiredo de Sá, em *A revista Jornal das Moças e seu projeto educativo*, buscam caracterizar o impresso como um dispositivo pedagógico que, durante seus mais de 50 anos de circulação (1914-1965), objetivou formar as mulheres para o espaço doméstico, principalmente para os cuidados com a família e a criação dos filhos. Por meio da análise de textos e imagens, as autoras mostram ainda, nas páginas da revista, a presença do *ethos* católico e a pequena e superficial inserção de temas políticos.

Em *Regular-se, exercitar-se e embelezar-se: a Revista Alterosa e a educação do corpo feminino*, Cristiane Martini e Andrea Moreno mostram como o periódico mineiro, publicado entre os anos 1930 e 1960, contribuiu para o projeto de uma pedagogia do corpo da mulher, concretizado em três dimensões: a dietética, a cosmética e a atlética/plástica. Essas três dimensões deveriam servir à formação de uma mulher recatada e virtuosa. Baseada no discurso médico, a revista disseminava um conjunto de prescrições relacionadas à ingestão (de alimentos e de outros produtos destinados à regulação das funções do corpo), à moda, ao uso de produtos específicos de beleza e de higiene e à prática da ginástica e de atividades esportivas.

Em direção semelhante, situa-se o capítulo escrito por Eglem Passone e Kênia Moreira, intitulado *Atividades corporais femininas na revista Folha da Serra e suas dimensões educativas: a década de 1930 entre textos e imagens*. As autoras mostram, por meio da análise dos textos e das imagens veiculados pelo periódico, como foi difundida a ideia de que a cultura esportiva feminina era símbolo de progresso da sociedade mato-grossense. A ginástica sueca, que deveria ser exercitada no espaço escolar, e a prática de esportes como tênis e voleibol, que se concretizaria principalmente nos clubes, foram as atividades mais recomendadas pelo impresso. Ao mesmo tempo, a revista de variedades, publicada mensalmente, dissemi-

nava a ideia de que o corpo feminino deveria servir, em primeiro lugar, à maternidade, em um discurso marcado pela religiosidade.

As relações entre religião e impressos é o tema específico do capítulo *Evangelicalismo e culturas do escrito: o papel dos fanzines na construção de uma identidade contracultural cristã em Belo Horizonte nos anos 1990*, de autoria de Jaime Sepulcro Júnior e Ana Maria Galvão. Embora seja uma temática clássica na historiografia da cultura escrita, os impressos protestantes analisados têm características muito singulares, pois, além de pertencerem ao gênero fanzine, foram produzidos por uma organização que se autodenominava parte do movimento, surgido nos Estados Unidos nos anos 1960, da contracultura cristã. Como mostra o trabalho, por meio da análise do conteúdo, da materialidade, da estética e da linguagem que os marcavam, esses impressos objetivaram contribuir para a produção, entre os(as) leitores(as), de uma identidade juvenil, urbana, *underground* e evangélica. Nesse processo, a música, cujas letras eram reproduzidas nos fanzines, assim como propagandas de bandas, desempenhava papel fundamental. Os impressos religiosos também foram objeto de dois capítulos publicados no primeiro volume de *Impressos que Educam: Jornal Lux como meio de educação e propagação da doutrina espírita no Alto Sertão baiano (1913-1930)* (Reis e Galvão 2021) e *O escolar e o popular no ensino do catecismo: um estudo sobre o Catecismo escolar e popular, do padre Francisco Spirago* (Souza e Simone 2021).

No presente volume, o capítulo *Amar, verbo intransitivo como romance de formação? Contribuições para a leitura da obra de Mario de Andrade pelos historiadores da educação*, Marco Antonio de Santana e Raquel Campos fazem outro tipo de análise, distinta das dos demais capítulos. Ao tomarem o livro em tela, publicado pela primeira vez em 1927, como romance de formação, na perspectiva da tradição alemã, classificação não consensual entre os estudiosos da obra do escritor paulistano, os autores indicam que o romance poderia ser melhor explorado por historiadores da educação. A narrativa, ao trazer as experiências do autor em direção à maturidade, apresenta elementos como, por exemplo, o papel das preceptoras na formação de jovens de elite. Na perspectiva da coletânea aqui publicada, também podemos nos perguntar se o romance, assim como outras obras literárias semelhantes, teria contribuído para a formação de meninos no período, ao se constituir em uma narrativa de como o protagonista tornou-se homem. Embora em uma perspectiva distinta,

a literatura também havia sido problematizada na coletânea anterior, no capítulo *Os julgamentos sobre Páginas Infantis pela imprensa brasileira: estratégias de difusão e adoção de um impresso* (Bertoletti e Pinto 2021).

Por fim, destacamos o capítulo escrito por Priscilla Verona e Mônica Jinzenji, *O papel educativo dos jornais de Minas Gerais nas primeiras décadas do século XIX*. Por meio de instigante análise dos quatro primeiros e principais periódicos liberais da província, as autoras mostram como jornais de ampla circulação, não especializados, cumpriam um papel formativo e doutrinário. Para isso, analisam as estratégias utilizadas pelos editores para que essa intencionalidade fosse concretizada, como o uso de determinado léxico, a mobilização da retórica e da eloquência, a compilação de textos, a citação de autores e as escolhas tipográficas. O texto evidencia, assim, como tem sido crescentemente discutido na historiografia, a compreensão de que os periódicos não eram apenas uma expressão daquilo que ocorria na sociedade, mas se configuravam como força ativa na história. Isso se torna ainda mais evidente quando constatamos que se constituíam como o principal espaço público para o debate de ideias políticas no Brasil Oitocentista. Outros modos de analisar a imprensa e outros impressos de grande circulação no país já haviam sido objeto de três capítulos publicados na coletânea anterior: *Produção, circulação e temporalidade nos impressos periódicos: algumas notas* (Luca 2021); *A educação mato-grossense no final do século XIX: o oficial e a imprensa* (Pinto 2021); e *Folhinhas de algibeira do século XIX: suas tipologias e os possíveis leitores* (Pereira e Frade 2021).

Ao concluir brevemente a apresentação de cada um dos capítulos que compõem a coletânea, relacionando-os àqueles publicados no primeiro volume de *Impressos que Educam*, podemos fazer algumas constatações. A primeira talvez seja óbvia, mas reiteramos que muitos impressos, mesmo quando não têm funções pedagógicas explícitas, parecem cumprir papéis educativos no processo de formação das novas gerações. Cabe ao(a) pesquisador(a), com a perspicácia e o domínio de ferramentas teórico-metodológicas consistentes, investigá-los sob ângulos pouco previstos, extrapolando a análise de conteúdo dos textos, como nos ensinam alguns capítulos aqui reunidos, que perscrutam imagens, marcas tipográficas e estratégias discursivas.

Os estudos também nos convocam à realização de pesquisas sobre sujeitos pouco visibilizados na produção acadêmica sobre impressos pedagógicos, como os cegos. Esse deslocamento pode, inclusive, nos fazer compreender melhor aspectos mais amplos da história da cultura escrita, como aqueles que dizem respeito à história das tipografias. Mesmo em relação a públicos muito estudados pelo campo da história dos impressos, como é o caso das mulheres, talvez seja necessário começar a considerá-las em uma perspectiva interseccional (Crenshaw 1989). De modo geral, esses artefatos foram pensados para mulheres brancas, de classe média, urbanas e escolarizadas, mas, em nossas análises, tendemos a apagar essas singularidades e associá-los à formação “da” mulher. Em outras palavras, esses impressos parecem ter impacto na nossa própria narrativa e, como pesquisadoras e pesquisadores, de modo não consciente, tendemos a universalizar a ideia de “mulher”, tomando a palavra como sinônimo, na verdade, de uma minoria da população feminina, pelo menos no caso do Brasil (Gonzalez 2020).

Finalmente, outro aspecto que chama a atenção é a presença do *ethos* religioso – católico ou protestante – em parte significativa dos impressos analisados, buscando moldar corpos e mentes dos jovens e das jovens aos quais se dirigiam, trazendo a questão da moralidade dos costumes como um dos eixos mais importantes das formações propostas. Embora esse elemento já tenha sido bastante estudado pela historiografia da educação brasileira, o presente, como lugar de produção (Certeau 1982), parece nos interpelar a tomá-lo com mais acuidade.

Deixamos, no entanto, ao(à) leitor(a) a tarefa de, ao ler os textos, ultrapassá-los, pois temos a expectativa, como organizadoras da coletânea, de que os estudos reunidos instiguem a realização de novas pesquisas, novas problematizações, novos debates, confirmando, aprofundando ou complexificando as temáticas tratadas, os referenciais teóricos mobilizados, as abordagens metodológicas escolhidas e as fontes utilizadas.

Esta coletânea reforça nossa aposta, reiterada já no primeiro volume, na importância de livros como este, que expressam um esforço coletivo de sistematizar, de modo orgânico, as pesquisas que vêm sendo realizadas em torno de impressos que educam em perspectiva histórica.

Referências

- BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani e PINTO, Raíssa Nunes. “Os julgamentos sobre páginas infantis pela imprensa brasileira: estratégias de difusão e adoção de um impresso”, in: MOREIRA, Kênia Hilda e GALVÃO, Ana Maria de O. *Impressos que educam*. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 117-133, 2021. (Coleção Histórias de Leitura)
- BEZERRA Giovani Ferreira. “Impresso periódico mensagem da APAE e/na história da educação de excepcionais: fotografias de 1964 a 1968 em (re)vista”, in: MOREIRA, Kênia Hilda e GALVÃO, Ana Maria de O. *Impressos que educam*. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 175-204, 2021. (Coleção Histórias de Leitura)
- CARNEIRO, Giane Araújo Pimentel. “Imprensa e crianças no alto sertão da Bahia (Caetité, 1912-1914)”, in: MOREIRA, Kênia Hilda e GALVÃO, Ana Maria de O. *Impressos que educam*. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 135-153, 2021. (Coleção Histórias de Leitura)
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger; RODRIGUES, José D. e MAGALHÃES, Justino. *Escritas e Cultura na Europa e no Atlântico Modernos*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2020.
- CRENSHAW, Kimberle. “Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics.” *University of Chicago Legal Forum*, vol. 1989, n° 1, Article 8. Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em: 19/08/2022.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Perspectiva, 1979[1986].
- GALVÃO, Ana Maria de O. e MOREIRA, Kênia Hilda. “Apresentação: Impressos que educam?”, in: MOREIRA, Kênia Hilda e GALVÃO, Ana Maria de O. *Impressos que educam*. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 13-26, 2021. (Coleção Histórias de Leitura)
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. São Paulo: Zahar, 2020.

- JINZENJI, Mônica Yumi. “Apropriações da pedagogia de Célestin Freinet na produção de jornais escolares (Itália, década de 1970)”, in: MOREIRA, Kênia Hilda e GALVÃO, Ana Maria de O. *Impressos que educam*. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 155-174, 2021. (Coleção Histórias de Leitura)
- LUCA, Tania Regina de. “Produção, circulação e temporalidade nos impressos periódicos: algumas notas”, in: MOREIRA, Kênia Hilda e GALVÃO, Ana Maria de O. *Impressos que educam*. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 27-43, 2021. (Coleção Histórias de Leitura)
- MELO, Juliana Ferreira de e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. “Uma revista de fotonovelas que educa(ria) seus leitores: Grande Hotel e suas ‘páginas femininas’ (Minas Gerais, 1947-1961)”, in: MOREIRA, Kênia Hilda e GALVÃO, Ana Maria de O. *Impressos que educam*. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 67-95, 2021. (Coleção Histórias de Leitura)
- PEREIRA, Ana Paula Pedersoli e FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. “Folhinhas de algebeira do século XIX: suas tipologias e os possíveis leitores”, in: MOREIRA, Kênia Hilda e GALVÃO, Ana Maria de O. *Impressos que educam*. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 97-115, 2021. (Coleção Histórias de Leitura)
- PINTO Adriana Aparecida. “A educação mato-grossense no final do século XIX: o oficial e a imprensa”, in: MOREIRA, Kênia Hilda e GALVÃO, Ana Maria de O. *Impressos que educam*. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 45-66, 2021. (Coleção Histórias de Leitura)
- REIS, Joseni Pereira Meira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. “Jornal Lux como meio de educação e propagação da doutrina espírita no alto sertão baiano (1913-1930)”, in: MOREIRA, Kênia Hilda e GALVÃO, Ana Maria de O. *Impressos que educam*. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 205-225, 2021. (Coleção Histórias de Leitura)
- SOUZA, Maria José Francisco de e SIMONE, Aline Marie de. “O escolar e o popular no ensino do catecismo: um estudo sobre o catecismo escolar e popular, do padre Francisco Spirago”, in: MOREIRA, Kênia Hilda e GALVÃO, Ana Maria de O. *Impressos que educam*. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 227-244, 2021. (Coleção Histórias de Leitura)